



Tekoha: Lugar de memória e vida¹

Raul Claudio Lima FALCÃO²

Introdução

A construção deste artigo é pensada em consonância ao trabalho de pesquisa de tese de doutoramento sobre a economia dos Kaiowa habitantes da Reserva Indígena de Dourados (RID), em um espaço temporal compreendido entre os anos de 2009 a 2017: a primeira data, condizente com o ano de inauguração do anel viário que passa ao lado do território habitado por povos indígenas, entre eles os Kaiowa; já o segundo ano, marca os cem anos da criação da Reserva Indígena de Dourados.

Participando do II Seminário Internacional de Etnologia Guarani - diálogos e contribuições, realizado no ano de 2016, no município de Dourados-MS, com a gerência da FCH e FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), pude experimentar e observar realidades, discursos, contextos e experiências compartilhadas sobre as demandas atuais dos povos Guarani / Kaiowa. Àquele cenário era muito rico e pude óbeberô da fonte do significado de quão importante é a resistência do povo Kaiowa e a perpetuação dos elementos constituintes de sua tradicionalidade.

A fala de um dos palestrantes, Bartomeu Meliá, realizada no dia 07 de outubro do ano citado, me chamou muito a atenção, quando o mesmo apontava, com tamanha emoção e

¹ Artigo apresentado no II Seminário Internacional Etnologia Guarani: redes de conhecimentos e colaborações, promovido pelo CEsTA (Centro de Estudos Ameríndios) ã FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamentos de Antropologia e História) da Universidade de São Paulo ã USP.

² Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), Agência Financiadora: CAPES, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). raulitb@gmail.com.

propriedade, para a importância vital para todos os indígenas, e especial, os Guarani / Kaiowa, do bem viver de seu *tekoha* e da comunhão deste com a boa palavra que o conjuga, e que sem *ele* e *ela*, caminhando *em perfeitas condições de ser e existir* não haveria Guarani / Kaiowa e que sem Guarani / Kaiowa, não existe *tekoha*. No alto de sua sabedoria e simplicidade, o etnólogo Guarani, nos explica que óa palavra está na terra e não suspensa, viajando sem objetivo. Os pés estão na terra também. Essa raiz que é a palavra está na terra e sem ela, não há futuro, não há ramagens, não há árvore.ô (MELIÁ, 2016). Sua conceituação caminha na direção de explicar o inexplicável a nossa consciência e nossa lógica de como que um perfeito movimento harmônico é capaz de unir ócorpo e lugarô ã embebido de simbologias, sentimentos, práticas, sacralidade, dinamicidades sociais ã em um só elemento em que fosse identificado como lugar de pertencimento, trazendo ao presente um passado distante de quem nele constitui sua cultura como sendo parte constitutiva do lugar onde reside.

O mesmo solo que recebe e faz brotar a semente é o ambiente perfeito onde acontecem às manifestações da religiosidade e espiritualidade Kaiowa, fazendo assim, o sincretismo alimentar do corpo e da alma, unindo as dimensões binárias do sagrado e profano em uma coletividade, contribuindo para a sobrevivência de um povo em torno dos sentidos múltiplos condicionados pelo sentimento de esperança (de que tudo seja perfeito e que tenham o alimento em suas mãos, quando necessitam e no mesmo momento, partilhando o sentimento de que as divindades escutam e aceitam as suas rezas e suas oferendas). Nesse sentido a palavra se interliga ao espaço vivido e faz sentido a constituição de práticas para que sua ordem não seja maculada. Sua condição de vida é preterida pelo modo como se vive essa vida em seu território, o que não é bem interpretado pelos não índios que exploram a natureza desenfreadamente pensando que esta, não sente os efeitos dessa exploração desenfreada.

A dimensão simbólica do *Tekoha*

A terminologia do espaço habitado e dinamizado pelos Kaiowa é denominado *tekoha*. Para o grupo étnico em questão, sua dimensão conceitual e significativa, abrange muito mais do que conceitos geográficos e sociais, entre outros, dos quais costumamos ódar nomes complicadosô, como os nossos irmãos nos indicam em suas falas, nas *aty guassu*, grandes assembleias, realizadas periodicamente em seu território. Existem vários significados para identificar o termo *tekoha*, como o encontrado no Dicionário Guaraní - Espanhol, que denomina

o seu significado como sendo o ólugar, ou morada, onde se executa o verdadeiro modo de serô. (CANESE & ALCARAZ, 2015, p.23,105).

Nas palavras de SANGALLI *et al* (2017) o *tekoha* é um verdadeiro universo de saberes tradicionais onde reúnem-se em um complexo e perfeito sistema óo universo cosmológico e a Terra no espaço; energia e transformações no ambiente; meio ambiente, sustentabilidade e comunidades indígenas; os seres humanos e o meio ambiente; diversidade e identidade dos seres vivos; origens e evolução da vida, em uma sequência que prioriza a compreensão da organização do universo em sua dimensão macro até a menor das partículas participantes dessa formação (dimensão micro).ô (SANGALLI *et al*, 2017, p.10).

Segundo Bartomeu Meliá, o *tekoha* ã a comunidade, óes ôel lugar en que vivimos según nuestras costumbresô es la comunidad semi-autónoma de los Guaraní... El *tekoha* es una institución divina creada por Ñande Ru ã nosso Paiô (MELIÁ, GRUNBERG, F. & GRUNBERG, G., p. 218).

Para PEREIRA (2004) o *tekoha* é mais do que um simples lugar onde reúne habitações, ele perfaz sua condição em um ambiente onde são construídas redes de alianças entre parentelas e que possuem implicações profundas com os sistemas de residência, produção, política e religião e que transpõem necessidade de harmonia, como em uma engrenagem perfeita. A dimensão simbólica do *tekoha* nos transmite muito mais do que sua disposição geográfica e quem nele habita, sabe a importância de sua manutenção e do cuidado que deve ser dispensado para que sua identidade seja preservada e repassada às gerações que hão de vir. O respeito às tradições, aos períodos de colheita e processos rituais, as festividades, devem ser observados e mantidos em profunda simetria com sua experiência de vida. O caminhar nas veredas do *bem viver* em seu *tekoha* não é fácil, muito pelas condições de vida na atualidade do povo Guarani / Kaiowa; as próprias dimensões geográficas limítrofes de seu território não condizem com o que se faz como elementar em sua constituição tradicional, porém é necessário alcançar o *teko porã*, que é a condição de subsistência para o grupo étnico. O pensamento do explorador *não índio* é consonante com o da máquina estatal, que nesse sentido, é formado e fomentado por uma máquina de opressão e destruição que não projetam as consequências de seus atos e quando projetam, fingem não saber de nada que aconteceu, quando suas ações ósaem do controleô.

A dualidade, divino e profano, entre outras, possuem sentido real no *tekoha* e sua simbologia se encontra em um dispositivo dinâmico que invoca o mistério, mítico e cosmológico, que é contido na configuração concreta e imagética do espaço figurado nas ações

de seus sujeitos que modelam o território delimitado como óseuô ³ por meio de suas regras e conceitos, que novamente indico, ultrapassam nossa lógica. Conflitos e violências causadas pela desarmonia evidenciada nos *tekoha*, trazendo consigo, mazelas capazes de construir ou destruir arranjos sociais e políticos; paz e guerra são seladas no mesmo ambiente em que povos de diferentes etnias e pensamentos convivem, mostrando que no *lugar de memória*, reside também um lugar de respeito, que resiste ao tempo, e que mantêm em ordem as condicionantes inerentes à disposição no espaço geográfico habitado fisicamente pelo real e imagético.

Tekoha: lugar de vida ñ corporal e espiritual

Analisando a organização política e social, por meio de um viés que segue a dimensão cosmológica Kaiowá, que considera a palavra como sagrada e esta, diretamente conecta-se a terra onde caminham melodiosamente os seus versos sacros direcionados as divindades, podemos dizer que esta simetria entre ação e prática é necessária ao desenvolvimento pleno do *ñande reko*, nosso modo de ser, dos Kaiowa; este solo condiz no ófundamento da palavra Guaraniô ⁴ e por ela é dinamizado. O que é invocado nos cantos rituais desse povo que caminha ⁵ sobre a terra em desenvolvimento de sua maturidade, em busca da terra sem males ⁶, *yvy araguayje*, é que as divindades os conduzam àquela terra prometida, para fins de não mais sofrerem não mãos dos que querem a sua destruição e ou a sua perdição.

Vários são os fatores que modelam uma situação quase que de impraticabilidade de execução rigorosa de alguns rituais e atividades tradições diversas ñ entre elas a agrícola ñ antes respeitadas pelo calendário anual dos Kaiowa; entre esses, podemos citar: as mudanças climáticas e condições desfavoráveis para a realização do plantio e a colheita (falta de insumos agrícolas, maquinário, entre outros); o trabalho remunerado e os estudos acadêmicos na zona urbana ñ ambos realizados no exterior da comunidade ñ com suas cargas horárias divergentes do tempo cronológico Kaiowa; a mudança da consciência de muitos jovens Guarani / Kaiowa que por meio de inúmeros fatores secundários, não consideram como necessárias algumas atividades,

³ Neste caso deve ser observada a cosmologia do grupo étnico que diz que a terra não pertence a eles sim aos *Jara*, divindades, incumbidas pelo Deus criador de serem as criaturas protetoras dos elementos constituintes dos elementos que compõem a vida Kaiowa, por exemplo, *Jakaira*, dono do solo agrícola e de tudo o que é produzido sob sua tutela.

⁴ MELIÁ, Bartomeu. *La tierra-sin-mal de los Guaraníes: Economía y profecía*, 1990, p.17.

⁵ MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní: Experiencia religiosa*, 1991, p.14.

⁶ Expressão registrada por Montoya desde 1639 e problematizada por Bartomeu Meliá e Graciela Chamorro, *Terra madura ñ Yvy Araguayje: fundamento da palavra Guarani*, 2008.

antes denominadas como essenciais ao seu modo de ser e existir; motivos econômicos e ou mesmo de apoio por parte de iniciativas governamentais.

Estas alterações no modo de conduzir atividades básicas na atualidade geram variadas consequências e implicam diretamente em mudanças cotidianas, de decisões em âmbito individual e coletivo. Como bem nos indica IORIS *et al* (2019), sobre as características do povo que luta pela garantia da harmonia em seu território tradicional, quando algo mancha a experiência vivida e dinamizada em seu território, sua identidade é afetada no mais profundo sentimento; essa ação pode os levarem a entristecer-se de maneira a causar traumas irreversíveis em sua alma.

O trabalho minucioso com o solo, realizado com perfeição para que o ciclo agrícola seja respeitado e se torne produtivo, as práticas rituais, coletivas e individuais, a participação ativa nas assembleias, *aty guassu* ão que por vezes não ocorre, por causa de conflitos pessoais, entre outras causas ão interferem diretamente na vida cotidiana da comunidade e a sua condição de estar organizado conforme as tradições Kaiowa.

O Tekoha e a economia da reciprocidade

Um dos fatores primordiais para compreendermos como vive a sociedade em questão e como são pré-definidas e realizadas suas práticas, nos diversos contextos em que vivem e agem como sujeitos históricos e onde são estabelecidos seus princípios normativos, é o econômico. A economia Kaiowa, diferente de outros sistemas econômicos, tem sua essência funcional na reciprocidade harmônica, sendo que, seu perfeito funcionamento está condicionado a execução de práticas ão principalmente ligadas a religiosidade do grupo e a plenitude coletiva apresentada por meio dos processos rituais dos quais participam ão que exprimem valores vitais e necessários para sua constituição e perpetuação como conjunto social. (FALCÃO, 2018, p.59).

Esse importante vetor central da sociedade kaiowa é entrelaçado por uma complexa rede que conecta vários elementos e conjugados, dos quais, são carregados de significações e simbologias, capazes de reger, harmonizar, modificar e até mesmo, engessar posições sociais, comportamentos e funções componentes do coletivo. No que diz respeito aos elementos que compõem esse sistema, podemos identificar a ligação que os indígenas têm com a terra como sendo de singular significado e importância para o entendimento do grupo unificado e também como coletivo social e político identificado pelas suas práticas e pelo seu discurso mítico e

histórico; neste sentido o solo não apenas é condicionado a suas características geográficas e ou sendo necessário em primazia para realização do trabalho agrícola.

O princípio do sistema econômico dos Kaiowa herdado de seus antepassados é primordialmente baseado na agricultura familiar de subsistência, na pesca comunitária, na coleta de frutos e outros alimentos silvestres, na caça e mesmo que quase inexistente pelas condições naturais atuais, que vivenciam um grande desequilíbrio ecológico devido a fatores diversos, como a exploração desenfreada de lavouras de soja, utilização de agrotóxicos, queimadas e uso desregulado do solo e em alguns casos isolados, em arrendamentos da terra para cultivo de outras culturas como, por exemplo, a soja e o milho.

Diferentemente de outros modelos apresentados por outros grupos étnicos diferentes do grande grupo Guarani, o *princípio da reciprocidade de dons* não é executado exclusivamente por indivíduos da alta hierarquia (como líderes e chefes), mas, é atinente a todos os indivíduos e sua prática é bem comum entre eles e com outros de sua etnia. Os Kaiowa tradicionais inserem este modelo em todas as suas práticas, principalmente na religiosa, onde o indígena vive plenamente seus princípios quando é recíproco e procura o bem estar coletivo, com os humanos e com as divindades.

A reciprocidade de dons tão evidenciada por MELIÁ (2008) caracteriza-se por um modelo dual que não tem por desejo o retorno de algo de valores em troca e o tempo para receber algo, não é considerado como fator imperante. Esta relação condiz na observância de se fazer um verdadeiro *Kaiowa* em sua total plenitude e deixar conduzir-se por meio de uma experiência que passa ao outro a condição da retribuição, não como obrigação, mas, no sentido de tentar promover um laço permanente e fraterno que o elevará a condição desejada. No contexto sociopolítico Kaiowa, a complementaridade da relação dessa reciprocidade é apresentada também por ocasião dos convites sociais, o *areté*, que são realizados constantemente em eventos de cunho coletivo e em períodos especiais em que exigem a união de indivíduos, como em assembleias gerais, *aty Guassu*, processos de retomada e em outros eventos que promovem discussões sobre procedimentos e práticas a serem adotados pelos moradores do *tekoha* e da etnia como um todo. Nela se concentra também a responsabilidade da comunidade em estar sempre vigilante e apta a praticá-la, e dessa maneira, manter vivo o sentimento da esperança em alcançar o bem viver. (FALCÃO, 2018, p.64).

Tekoha: lugar de memória

No mesmo lugar onde as práticas agrícolas são realizadas, as manifestações culturais que caracterizam a identidade do grupo étnico e que são elementos componentes da organização sociopolítica, dinamizadas pelas ações dos sujeitos históricos que conduzem sua vida, mediatizadas pelo seu modo de ser e estar no mundo, são realizadas e por vezes condicionadas pelas lembranças e memórias de acontecimentos que ocorreram em lugares que para sempre serão palcos de rememoração de práticas executadas.

Importando conceitos inerentes à temática, problematizados por Paul Ricoeur, podemos expor com maior precisão nosso entendimento sobre as condicionantes que são incorporadas no *tekoha* transpõe na vivência dos povos que o habitam e se identificam com sua disposição geopolítica, social e simbólica. Nesse sentido estar em um *lugar de memória*⁷ (como o *tekoha*) que pulsa ritualisticamente, socialmente, politicamente, a ação e práticas de pessoas que nos antecederam e que deixaram seus legados, tradições, conselhos, performances, conceitos, *impressos* no solo, nos indica que os Kaiowa tradicionais que fizeram parte de uma história alocada no tempo e que consegue transpor suas práticas a outros tempos, fazem parte de um conjunto onde está a memória, esta que nos auxilia a viver e conduzir ao tão desejado objetivo de alcançar algo, no caso Kaiowa, o *aguyjé*, a plena madurez, pois quando nos lembramos de algo, ó não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vimos, experimentamos, aprendemos. Tais situações implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu.ô (RICOUER, 2007, p.53)

Considerações finais: A resistência Kaiowa constituída no *tekoha*

O fundamento do modo de ser Kaiowa ã como no modo Guaraní, como um todo ã está pautado na boa palavra e na constante utilização de elementos religiosos e ritualísticos, que englobam o sistema sociopolítico coletivo desse povo e que em junção com sua experiência de vida tradicional, herdada ao longo dos anos, dinamizada e revitalizada, meio a sua ação prática em diferentes contextos, os auxilia a resistirem e reagirem às mazelas diversas que se apresentam em sua caminhada pela terra sem males, desde os tempos coloniais até a atualidade.⁸

Condicionado e formado pela experiência vivida do povo que o habita, somada as práticas sociais, religiosas, políticas, rituais, entre outras, o *tekoha* constitui-se em uma parte

⁷ RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007, p.77.

⁸ MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní conquistado e reducido: ensaios de etnohistoria*. (1997, p.38)

elementar e fundamental ao sentimento e a necessidade de resistência dos Kaiowa na atualidade e pelo qual é respeitado como elemento sagrado, constituinte de seu corpo físico e espiritual. A necessidade é real e constante de apresentar sua identidade fortificada: aos habitantes que nele se dispõem e aos *não indígenas*, que no espaço geográfico habitado e dinamizado, enxerga por muitas vezes, apenas uma fonte inesgotável de riquezas. O território multiétnico é composto por objetos e performances herdadas dos primeiros ancestrais dos Kaiowa que ali pisaram e que marcaram o solo com sua religiosidade, palavras e cantos sagrados, e até mesmo por sangue. Sua forte coesão social é evidenciada pelos pesquisadores da temática Guarani e sobressai a ideia de alguns desconhecidos que dizem ou pensam que os Kaiowa são povos dispersos, desunidos e que vivem em um espaço reduzido sem normas e controles sociais. A organização do *tekoha* é pensada no bem estar e viver da comunidade e sua divisão estrutural, ainda que diferente das que encontramos nas descrições de diversos autores, como as realizadas por Meliá, Grünberg G. & Grünberg F., por exemplo, demonstram a resistência do povo em viver dignamente e conforme suas tradições e costumes.⁹

Os kaiowa com sua singular atividade agrícola, repleta de conhecimentos sobre os elementos constituintes da natureza que sempre estavam e estão ao seu redor, cuidando dos frágeis homens e mulheres e a eles dando o sustento necessário, seja ele físico ou espiritual, atribuído pela união de sua parentela e dinamizado pela economia da reciprocidade, que é capaz de atribuir símbolos permanentes, significando o lugar em um lugar de complementaridade orgânica, que une diversidades e práticas em busca de objetivos comunais, também compartilha a resistência a um sistema que visa apenas ao lucro desenfreado e que não respeita o modo de ser e viver daqueles que divergem com seu pensamento e experiência.

A presença dos Kaiowa residentes na RID nunca foi totalmente bem aceita pela sociedade urbana local; os registros nos apontam para embates e situações que tentam de várias maneiras atribuir o sentido de invasores aos indígenas e que eles não precisavam estar residindo naquele espaço. As discriminações e hostilidades institucionais em desfavor dos Kaiowa / Guarani são demonstradas em registros realizados por diversos pesquisadores que denunciam o descaso por parte do Estado em relação aos indígenas e ao seu modo de ser e viver, conforme suas tradições. Os choques entre agropecuaristas e indígenas Kaiowa / Guarani em especial nas cidades que

⁹ Nas definições apresentadas pelos autores mencionados acima, o *tekoha*, como organização sociopolítica possui uma liderança religiosa própria, *tekoaruvixa* (em alguns casos denominados como *paã*, *ñanderu* ou *ñandesy*, estes duas denominações ainda permanecem nos moldes atuais), um líder político, *mburuvixa*, *yvyraãja* (atualmente denominado apenas de liderança ou mesmo capitão).

compõem a região sul do estado Mato Grosso do Sul, está se tornando algo preocupante e vem se tornando uma prática recorrente, acendendo o alerta para a questão da violência física e psicológica, no campo, em desfavor da causa dos indígenas, que rodeados pelo medo e pelas ameaças externas a seus *tekoha*, tentam sobreviver em meio a discursos inflamados de grupos ligados ao ôlucrativoô setor do agronegôcio.

Estes tentam de várias formas demonstrarem sua força para fins de conseguirem seu objetivo principal que é aumentar sua área produtiva e consequentemente seus lucros, mesmo que para isso, tenham que invadir terras demarcadas e ou tentar inventar mentiras sobre práticas e ações realizadas por grupos étnicos tradicionais a centenas de anos em seus territórios. A ameaça recorrente das invasões as Terras Indígenas, os casos de práticas racistas evidenciadas nas regiões em torno dos territórios tradicionais e as violações dos direitos humanos se tornam um inimigo invisível ¹⁰, porém, eficaz, em alguns momentos, que sua pressão simbólica, produz um rastro visível de violência e consequências devastadoras nos povos étnicos que sofrem suas ações.

Bibliografia

ALMEIDA, Ellen C. O associativismo na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa/ Dourados (RID) ã MS e as redes de parcerias. Dissertação de Mestrado em Antropologia. UFGD/FCH/PPGAnt: Dourados-MS, 2015.

BRAND, Antônio. Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS. Revista Tellus: Campo Grande-MS, ano 4, nº 6, p. 137-150, 2004.

CANESE, Natalia Krivoshein de. FELICIANO, Acosta Alcaraz. Ñeöeryru ã Diccionario Guaraní ã Espanhol. Colección Ñemity ã Instituto Superior de Lenguas-Universidad Nacional de Asunción: Asunción-PAR, 2015.

CHAMORRO, Graciela. Kurusu Ñeöengatu: palabras que la historia no podria olvidar. Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica óNuestra Señora de la Asunciónô: Assunção-PAR, 1995.

¹⁰ Sobre os traumatismos coletivos e as feridas da memória ver RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007, p.92-93,95,98,101.

_____. Terra madura ã Yvy Araguayje: fundamento da palavra Guarani. Editora da UFGD: Dourados-MS, 2008.

FALCÃO, Raul Claudio Lima. Avatikyry: Ritual de Batismo do milho Saboró entre os Kaiowa de Panambizinho (Dourados-MS). Dissertação (Mestrado em Antropologia Sociocultural). UFGD: Dourados-MS, 2018.

IORIS, Antonio A. R. BENITES, Tonico. GOETTERT, Jones D.. Challenges and contribution of indigenous geography: Learning with and for the Kaiowa-Guarani of South America. Elsevier. LTD. Geoforum: Orlando-USA, 2019, p. 137-141.

MELIÁ, Bartomeu. TEMPLE, Dominique. El Don, la venganza: y otras formas de economia guaraní. Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch: Asunción-PAR, 2004.

MELIÁ, Bartomeu. Cap. 4. La comprensión guarani de la Vida Buena; e Cap. 5.2. El concepto fundamental de la economia guarani: Areté. In Ñande reko: La comprensión guarani de la Vida Buena. Javier Medina (Org.). Editorial Quatro Hnos: La Paz-BOL, 2008.

_____. A terra sem mal dos Guarani: economia e profecia. Revista de Antropologia da USP, v.33. Tradução de Roberto E. Zwetsoh: São Paulo-SP, 1990. 14p.

_____. Mesa redonda: saberes e práticas na produção e recuperação do território. Anfiteatro da Reitoria ã Unidade I da Universidade Federal da Grande Dourados ã UFGD: Dourados-MS, 2016.

PEREIRA, Levi. Imagem Kaiowá do sistema social e seu entorno. Tese de Doutorado em Antropologia Social ã PPGAS/USP, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Levi. SILVESTRE, Célia Foster. CARIAGA, Diógenes Egídio. (org.). Saberes, sociabilidades, formas organizacionais e territorialidades entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul. UFGD: Dourados-MS, 2018.

RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François (et al.). Editora da UNICAMP, Campinas-SP, 2007.

SANGALLI, Andréia. LADEIA, Elâine da Silva. BENITES, Eliel. PEREIRA, Zefa Valdivina. (org.). Tekoha Kaäguy: Diálogos entre saberes Guarani e Kaiowá e o ensino de Ciências da Natureza. Paco Editorial, Jundiaí-SP, 2017.